

VILÉM FLUSSER

Peypin d'Aigues, 7/20/75

Meu caro amigo Milton, conforme prometi, mas também para ordenar a confusão da qual sou vítima, eis novo relato: Imperceptivelmente deslizei no turbilhão dos acontecimentos "culturais" que ameaça sugar-me. Participei na semana passada de um Colóquio Internacional de Fotografia em Arles, no qual falei sobre o gesto de fotografar, e o resultado foi inesperado: bomba. Vi-me no centro da discussão, com convites para Ottawa, (Institut de Communication Vienna, (Bruecke), Vancouver, (Nações Unidas sobre ambiente), Zurique etc. Simultaneamente fui convidado para dirigir as atividades culturais "dans la rue" em Aix e outras cidades provençais durante o inverno. Esta semana devo falar em Villeneuve-lez-Avignons no Spéctacle sous chapiteaux et dans la rue sobre o gesto como expressão da liberdade, coisa que certamente também terá consequência, já que se trata da primeira vez que o circo, (clown, cor da bomba etc.), será analisado filosóficamente e comunicologicamente em público, (você imagina: Nietzsche, danser sa vie, Reich, Marcuse etc.). Creio que devo primeiro tentar digerir o que aprendi, antes de me engajar, e este é o motivo desta carta. Darei uns poucos exemplos. O problema da cor: Porque fotografos amadores se sujeitam ao gosto do sr. Kodak, mas os conscientes usam preto-branco? Será a cor "convencional", e preto-branco "dado"? Porque as estatuas gregas, lavadas pela chuva, são "eidéticas" e as que ainda conservam a cor "primitivas"? Será a cor a subjetividade convencional dentro da objetividade funcional, (relacional, formal), e estará na antítese da tese "forma"? E mais esta: os pigmentos em Lascaux e Altamira eram parecidos com os apalpados, não vistos. Leitura tátil de cores, (Helen Keller). Imaginação: Os antigos estavam cercados de estatuas de 3 dimensões, os medievais de capiteis e janelas, os modernos de quadros pintados e de livros unidimensionais, e nós de cartazes e revistas fotografadas, de filmes e de TV. Tais superfícies fotográficas, (espécie de impressão digital do espaço-tempo sobre paredes de cinema, papel, e em ecrãs TV), são nossa mediação com a dita realidade. Interpretação: Yussuf Karsh faz retratos de gente famosa Khruchtchov aparece como porco voraz, Paulo VI com hipocrisia, Einstein com bondade, Kennedy como imaginação, Sibelius como máscara, Jung como mentira, de Gaulle como pose, Salk como engajamento, Cocteau como gesto, Sartre como palhaço, João XXIII como paternidade. Que aconteceu? E como interpretar a imagem interpretativa? Fotografia e filosofia: Ambos são métodos de dúvida metódica, (busca de ponto de vista afin de obter imagem=ideia), e ambos são reflexivos, (espelho na câmera). São gestos de procura e decisão hipotética. Máquina: Na fábrica de automóveis o homem é apropriado pela máquina, no fotografar, embora a máquina condicione o homem, também o realiza. Marxismo será o método de transformar todas as máquinas em cameras fotográficas? Liberdade e desalienação serão isto? Palhaço: Será ele anti-ator? Chaplin será o homem do futuro? Será descendente do bobo da corte, e será "bobo" o puro? Porque o clown é "redondo", e porque não

VILÉM FLUSSER

be nas suas vestes? "Malaise dans la culture"? Ou estará ele à son aise não importa aonde? Quem é o clown branco: venezianoco ou camusiano? Porque não se machuca quando pula em piscina vazia? É ele negação, (contestação), ou superação, (ironia)? Fama: Definição de Karsh: o homem famoso é conhecido por número de pessoas maior do número que ele conhece. Limite é Deus: conhecido por todos e ignorando todos. Salvação: Definição de Eugene Smith e eternalização por diapositivo, porque transparência permanente. Salvação portanto forma de indignidade. Antítese da salvação: dianegativo. Visão processual, (histórica) e visão quântica, (formal): O filme é historização do quantum por trompe-oeuil, já que o olho não distingue as fotografias individuais. (História é pois projeção enganosa de formas). A fotografia é congelamento enganoso de processo de 4 dimensões. (Forma é pois sincronização enganosa de eventos). Impossibilidade de suicídio: Quando se aperta o botão da câmara, (ou da Bomba, ou do revolver), a máquina passa a funcionar automaticamente. A liberdade cessa depois da decisão tomada. Hiperrealismo: Subjetivismo total dentro da total objetividade. Antítese: action painting. Objetividade total dentro do total subjetivismo. America versus Europa: Definição de Cergue: Les photographie européennes sont admirables, les américaines sont épatantes. Et le Japon est un boomerang qui vient de nous frapper. Ocidente versus Oriente: Nós refletimos para fotografar, os japonezes vice-versa. Mundo real: Definição de Peter Bunnell: Aprendemos que não existem objetos, e isso é osso que ainda estamos roendo. Progresso: Em numerosas espécies de insetos a larva é mais evoluída e melhor "adaptada" que o adulto, mas o adulto põe os ovos dos quais nascerá a larva. Leitura: A diferença entre o significado da TV e da fotografia está no tempo da leitura. Significado em tanto função do tempo disponível. Portanto: "wer keine Zeit hat den hat sie" (Heidegger). Função política do orgasmo: A Venus anádiomene (e a kalipígea) nos nós de Cergue é o orgasmo gerador da polis. Anti-reichismo? E porque Reich ocupa atualmente os pensamentos? Freud não passa pois nem por Jung, nem por Piaget, mas por "make love, not war"? Será que, ao contrário de Jung e Piaget, nós queremos ser loucos para "salar" o mundo? Alienação como revolução? E será isto "imagination au pouvoir"? E será Freud, indubitavelmente o "grande despertador", realmente marxizável? Ou melhor: será Marx freudizável, para ser salvo do grande orgasmo que se prepara? Você vê, caríssimo amigo: confusão total. Poderia continuar por páginas e horas. Pare, para te dar folego. Barragens, poços petrolíferos, hidrogênio etc? Sim, mas somente quando levam ao orgasmo, (teu e dos caboclos)? Ou serão necessariamente formas de ejaculação precipitada? Um psicólogo marseleses: o penis plácido é o motivo do progresso. A vagina é sempre potente: women's lib é a libertação do progresso. Tese gerais. Antítese lesbianas. Síntese: palhaço? Vê se você descobre sentido em tudo isto. Saudades, e até setembro.